

ESTRATÉGIAS PARA A GRAFIA DAS NASAIS EM POSIÇÃO DE CODA MEDIAL UTILIZADAS POR CRIANÇAS EM FASE DE AQUISIÇÃO DA ESCRITA

MARIANA MÜLLER DE ÁVILA; ANA RUTH MORESCO MIRANDA

Universidade Federal de Pelotas – marianamulleravila@gmail.com

Universidade de Pelotas – anaruthmmiranda@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo tem por fim analisar as estratégias empregadas por crianças em fase de aquisição da escrita para a grafia das consoantes nasais em posição de coda medial. Tendo em vista trabalhos como de Miranda (2009, 2011) e Abaurre (1988), esta pesquisa busca investigar as hipóteses elaboradas por crianças do 1º e 2º ano de duas turmas de uma escola pública da cidade de Pelotas/RS para representar a nasalidade na escrita.

Segundo Abaurre (1988), no português, a nasalidade no sistema ortográfico é representada fonológica e foneticamente, ou seja, pode ou não apresentar comportamento distintivo. A nasalidade distintiva é representada pela sequência de uma vogal oral e uma consoante nasal, como em *sinto*, e não distintiva quando ocorre no início de sílabas, representando um fonema autônomo, como em *banana*.

Neste trabalho, investiga-se a nasalidade fonológica, uma vez seu registro gráfico apresenta dificuldade à criança em processo de aquisição da escrita. Feita esta constatação, em seu estudo, a autora aponta três soluções encontradas pelas crianças para marcar a nasal em posição de coda medial em textos espontâneos: apagamento da marca de nasalidade, uso do diacrítico til e/ou o uso da consoante nasal mais o til. Sendo assim, parte-se do pressuposto que, em fase de aquisição da escrita, a consoante nasal pode ser apagada, transferindo, assim, a nasalidade à vogal oral anterior, como em *capo* por *campo*, ou representada pelo diacrítico til, como *criãça* por *criança*, e, em outros casos, grafada com a consoante nasal mais o diacrítico til, como em *elefãnte* por *elefante*.

Miranda (2009), ao investigar os erros em estruturas silábicas complexas produzidos por crianças em séries iniciais de duas escolas de Pelotas/RS, verifica que a grafia envolvendo a consoante nasal em posição de coda possui maior índice de erros. Para a autora, visto que estruturas CVN parecem não ser consideradas complexas pelas crianças em fase de aquisição fonológica, pois são as primeiras a serem adquiridas, tal resultado na escrita sugere que, ao representar a nasal, as crianças acabam atribuindo a nasalidade à vogal. Assim, para dar conta dessa representação fonológica, a criança elabora hipóteses que deem conta das particularidades que percebe na vogal. Em outra pesquisa, Miranda (2011) estuda as relações estabelecidas entre as representações fonológicas subjacentes e a escrita espontânea da criança no processo de aquisição da coda medial. Ao quantificar os dados, a pesquisadora obtém como resultado do maior número de erros, novamente, a grafia da consoante nasal. Logo, volta a argumentar em favor da hipótese explicativa segundo a qual a criança não interpreta a estrutura CVN

como sílaba ramificada, mas como um autosegmento flutuante, assim como sugere Lee (1999) e Mateus e Andrade (2000).

2. METODOLOGIA

Para a realização da pesquisa, são analisados 118 textos produzidos por crianças do 1º e 2º ano do ensino fundamental de uma escola da rede pública de ensino da cidade de Pelotas/RS. Os dados foram coletados no ano de 2014 por meio de oficinas de produção textual. A amostra de textos analisados pertence ao Banco de Textos de Aquisição Linguagem Escrita, o BATALE, e faz parte do Estrato 7 do Banco que é composto por 1498 dados coletados entre os anos de 2013 a 2015. Dos textos foram extraídas todas as grafias com contexto de consoante nasal em posição de coda medial, as quais são divididas entre total de erros e acertos na grafia da consoante nasal pela criança. Os erros foram classificados de acordo com as possibilidades descritas por Abaurre (1988): apagamento da consoante nasal, substituição da nasal por til e utilização da consoante nasal mais o diacrítico til.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 118 textos analisados, foram coletados 81 dados com a consoante nasal em posição de coda medial, com 85 contextos para análise. No quadro a seguir, verifica-se o total de erros e acertos produzidos pelas crianças nos textos espontâneos:

Turmas	Total de dados	Total de erros	Total de acertos
1º A	7	0	7
1º B	7	2	5
2º A	39	4	35
2º B	28	12	16

Percebe-se que na 1ª e na 2ª A as crianças tendem a grafar corretamente a nasalidade medial, indo de encontro à expectativa inicial do trabalho. Nas turmas B, no entanto, o índice de erros é maior, especialmente no 2º ano. Dos 18 erros encontrados nos textos infantis, quatro estratégias utilizadas pelas crianças ao grafar a estrutura CVN foram identificadas. No quadro a seguir, observa-se os dados com erros produzidos pelas crianças:

Dados	Erros
FAZENDA	FAZEDA
BRINCA	BRICA
BAGUNÇA (2 vezes)	BAGUSA
BRINQUEDO	BRIKEDO
GENTE	GETE
IMPORTANTE (3 vezes)	INPORTATE/ IN PORTANTE
INTELIGÊNCIA	INTELIJE CIA
NUNCA	NUCA



TAMPA	TAM PA
BRINCAR	BRICAR
INSTINTO	ISTINTOS
AVENTURA	AVNTURA
INVENTEI	EN VENTEI
AMBIENTE	AN BIENTE
COMPORTOU	CAMPOROU
GRANDE	GANTE

As estratégias encontradas correspondem ao apagamento da consoante nasal, como em GETE por 'gente', ao apagamento do núcleo da sílaba, como AVNTURA por 'aventura', à divisão do vocábulo, como em EN VENTEI por 'inventeí', e à mudança na vogal, como em CAMPOROU por 'comportou'. Dentre as estratégias observadas, a omissão da consoante nasal e a mudança da vogal são observadas também nas pesquisas de Miranda e Abaurre, uma vez que para a omissão da nasal supõe-se que a criança não considera a presença de dois elementos na rima da sílaba, a saber, uma vogal seguida de consoante nasal. Em relação à mudança da vogal, Miranda argumenta que é uma tentativa da criança de marcar a diferença que percebe na qualidade da vogal, ainda que não considere a presença de uma consoante nasal.

Tendo em vista que os estudos referidos comparam a aquisição da sílaba CVN com outras sílabas complexas, as estratégias de apagamento da vogal e de divisão do vocábulo, observados nessa pesquisa, não são enfocados por eles. Entretanto, no que se refere às hipersegmentações de palavras, pode-se levantar hipótese interpretativa para os dados encontrados, nomeadamente as grafias TAM PA para 'tampa', EN VENTEI para 'inventeí', AN BIENTE para 'ambiente e EN PORTANTI para 'importante'. Ao perceber a nasalidade, a criança supõe existir duas palavras, sendo assim divide o vocábulo conservando sua marca de nasalidade, talvez motivada pela complexidade da estrutura e por uma memória gráfica que a remete à forma da preposição 'em'. No texto reproduzido a seguir vê-se que a criança escreve a palavra importante duas vezes, uma vez com a grafia correta e outra com a estratégia de separação da palavra:

ESTIANIMAU É MUINTO INPORTANTI
PORQUE ELIÉ EN PORTANTI: PORQUE ELIAJUDAUAN
BIENTI ELI ADORA CAPIN

Já no caso da omissão da vogal, encontrado apenas uma vez em AVNTURA, pressupõe-se que ao grafar a palavra, a criança utiliza a estratégia do nome das letras, uma vez que o nome do fonema /v/ corresponde ao som da combinação do fonema fricativo com a vogal média /e/, [ve]. Logo, tal estratégia parece não possuir relação com a grafia da consoante nasal.

4. CONCLUSÕES

As estratégias utilizadas pelas crianças analisadas em fase de aquisição da escrita para grafar as nasais em posição de coda medial correspondem em parte às



estratégias descritas por Abaurre. Tendo em vista o número reduzido de dados obtidos, não é possível estabelecer generalizações sobre as estratégias de grafia utilizadas pelas crianças, todavia, percebe-se que duas das turmas analisadas já produzem a representação gráfica da nasal conforme determinada pela ortografia do português.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, Maria Bernadete Marques. A relação entre a escrita espontânea e representações linguísticas adjacentes. **Verba Volant**

MIRANDA, Ana Ruth Moresco. **A grafia de estruturas silábicas complexas na escrita de crianças das séries iniciais**. In: Sheila Zambello de Pinho. (Org.). Formação de Educadores: o papel do educador e sua formação. 1ed. São Paulo: Editora UNESP, 2009, v. 1, p. 409-426.

MIRANDA, Ana Ruth Moresco. **Aspectos da escrita espontânea e da sua relação com o conhecimento fonológico**. In: Regina Ritter Lamprecht. (Org.). Aquisição da linguagem: estudos recentes no Brasil. 1ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011, v. 1, p. 263-276.